

AJ15278

Entrevista >> POR **CLAUDIA FELIZ** cfeliz@redgazeta.com.br

Thelma Araújo Esteves Fraga >> JUÍZA E CRIADORA DO PROJETO GRÃO

“Estamos resgatando ex-detentos com a realização de seus sonhos”

Projeto de recuperação de ex-detentos aposta na motivação e tem bons resultados

CHICO GUEDES



PARCERIA. Thelma Fraga entre Fábio Leão e Leonardo Batista, homens que ela sentenciou e dos quais agora se orgulha

Fábio Leão derrotou a vida

Leonardo Batista se descobriu

Thelma Araújo Esteves Fraga é juíza há 15 anos. Atua desde 2001 na 1ª Vara Criminal de Jacarepaguá, na mesma região onde está a Cidade de Deus, reduto de pobreza e violência retratado no filme homônimo de Fernando Meirelles. Não foi preciso muito tempo trabalhando no local para experimentar a frustração. Dia após dia, só sentenciava criminosos e não via seu trabalho se refletir em queda de criminalidade. Foi aí que teve a ideia de arregimentar forças capazes de mudar a realidade que a cercava. Essa ideia resultou no Projeto Grão, que age na prevenção da criminalidade com ações como qualificação profissional de jovens e ressocialização de detentos. A juíza veio ao Estado contar, na UVV e na Ufes, sua experiência, ao lado dos dois primeiros ex-detentos beneficiados pelo projeto: o lutador e professor de kickboxing Fábio Leão e o empreendedor de material reciclado Leonardo Batista. Dois exemplos de que é possível, sim, recuperar quem entra no mundo do crime.

boas poderiam ser multiplicadas ali. Hoje, no Projeto Grão temos 50 grupos temáticos. Por exemplo: uma vez identificada a ausência de qualificação dos jovens, gerando mão-de-obra ociosa, criamos um grupo que trabalhou a profissionalização. Há 15 dias inauguramos um Centro de Vocação Tecnológica, com parceria com a Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (Faetec) e o governo do Estado. Ofereceremos cursos para a comunidade carente, com base nas necessidades das empresas, e com perspectiva de emprego próximo e rápido. Temos também um grupo que cuida da construção de hortas urbanas.

E o trabalho voltado para quem já passou pela cadeia?

O grupo de egressos foi o último a ser criado. Como juíza criminal, que sentenciava, para obter a confiança do egresso era preciso fazê-lo acreditar que tínhamos uma forma de mudar sua história. Comecei com cinco, e chegamos a 31, com bons resultados. Só não temos mais porque nos falta estrutura. Agora, estamos nos juntando à Secretaria de Administração Penitenciária.

Como é atuar numa vara criminal numa cidade como o Rio de Janeiro, que tem uma história marcante de violência?
O primeiro obstáculo

■ Como é atuar numa vara criminal numa cidade como o Rio de Janeiro, que tem uma história marcante de violência?

O primeiro obstáculo com o qual me deparei foi a quantidade de processos, bem acima do normal. Eram cerca de 4.700, do homicídio ao crime mais simples. No início, nosso objetivo era diminuir o número de processos e realizar o júri. Houve casos de jurados não aparecerem, por medo. Começamos a trazer para o júri empresários, servidores públicos estáveis, gente que não residisse na comunidade. Chegamos a fazer dois júris no mesmo dia. Mas, quando acabamos essa primeira fase, percebi que por mais que a gente fizesse, a presença do Estado, como poder judiciário, não se refletia na redução da criminalidade.

■ A senhora tinha noção da realidade social...

Sim. Para chegar ao trabalho, é preciso passar pela avenida principal da Cidade de Deus. Ali, via que não se podia circular nem pelas vielas, porque o tráfico tinha tomado conta. Isso causava em mim uma grande frustração, porque meu trabalho em nada alterava a realidade social local. Me sentia enxugando gelo. Havia muitos jovens envolvidos, e a maioria dos crimes tinha foco patrimonial. Passei a achar que o trabalho padrão do Judiciário não daria certo ali.

■ E qual foi a sua nova forma de atuação?

Passei a estudar todos os processos de forma multidisciplinar. Solicitei ao corregedor que me cedesse uma psicóloga. Vara criminal não dispõe de psicólogo, o que é uma falha, mas eu precisava, para traçar o perfil biopsicológico e psicossocial dos réus. Montamos questionários e estudantes de Direito e de Psicologia faziam entrevistas com os réus, levantando a história de vida deles. Fizemos esse estudo durante dois anos e meio. A violência é produto do desequilíbrio, interno ou externo, e nós mapeamos o que havia de desequilíbrio ali.

■ O que foi possível identificar?

Na época, 95% dos detentos encontravam-se na faixa etária de 18 a pouco mais de 30 anos; 86%

Fábio Leão derrotou a vida criminosa e tornou-se campeão

■ Dentro do Presídio Muniz Sodré, no Complexo de Bangu, no Rio de Janeiro ele cumpriu a última das suas penas, por roubo e clonagem de carros. E foi também ali que, graças à sua determinação, Fábio Leão, 35, derrotou sua carreira criminosa. O menino da Vila Kennedy, que aos 9 anos furtava em supermercados, aos 13 cometeu seu primeiro assalto e aos 19 recebeu sua primeira condenação, em meio a uma "carreira" de crimes e dependência química, é hoje campeão carioca e terceiro colocado no ranking nacional de kickboxing. Ele foi o segundo homem inserido no Projeto Grão, coordenado pela juíza Thelma Fraga. Lutava na cadeia, socando um saco recheado com areia e pedras, quando ela o encontrou, depois de alertada sobre a garra do

interno por um outro ex-detento do Muniz Sodré, Leonardo Batista. Seus dedos calejados, e sua vontade de perseguir o sonho de ser um lutador campeão, o tornaram apto a receber ajuda do Projeto Grão. "A gente lutava com o incentivo do diretor do presídio, Gilson Nogueira, uma pessoa de mente aberta. Logo a juíza levou até lá o lutador Minotauro, e ele nos deu sacos e luvas novos", diz Leão, que não deixa de ressaltar a importância de Deus em sua vida. Casado, pai de uma filha, Leão, que ainda dá aula para detentos do Muniz Sodré, acabou contratado como professor de boxe pela Academia Delfim, no Rio de Janeiro. Suas conquistas também o levaram a receber do governo federal uma bolsa-atleta no valor de R\$ 800 mensais.

“Na medida em que se afasta, a sociedade faz com o que o egresso do sistema prisional sinta-se um incapaz. E ele não é. Só precisa de oportunidade”

respondiam a processos presos, o que indicava que teriam cometido crimes graves. Eu tinha uma taxa baixa de reincidência, mas não porque eles não voltassem a delinquir, e sim porque a criminalidade era tão articulada e perigosa, que eles morriam cedo. Percebi também que tinham um traço de família onde a figura da mulher prevalecia. O pai

ou era desconhecido, ou estava morto, ou preso. Já a mãe tinha que sair para buscar o sustento, o que fazia com que após a primeira fase do ensino fundamental, eles ficassem à mercê nas ruas. Descobri que há 30 anos o Estado não abria uma escola de ensino médio na minha comarca. Por isso, 60% deles estudaram na infância, mas somente 23% continuavam na escola na adolescência. A maior parte tinha histórico de abandono.

■ E uso de drogas?

Só 5% haviam experimentado na infância, mas no começo da adolescência já passava para 25%, e ia aumentando. Sem acesso à escola, na rua, isso se acentuava. E a maior parte dos crimes era ligada ao patrimônio: furto, receptação, tráfico - que dá um retorno financeiro rápido -, roubo, roubo com morte. Con-

Leonardo Batista se descobriu empreendedor após a prisão

■ Leonardo Batista lembra bem da ostentação dos tempos em que dinheiro não lhe faltava, e poder também não, dentro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Mas, condenado a 10 anos de prisão por tráfico de armas e drogas, viu seu "castelo" ruir. Foi dentro do Presídio Muniz Sodré, no Complexo do Alemão, que ele pagou o que devia à Justiça, e redescobriu-se empreendedor, de forma honesta. Ainda preso, Leonardo Batista deu início à coleta seletiva que o levou a criar a cooperativa, onde hoje trabalham 20 homens, alguns, ex-detentos, movimentando três toneladas de material reciclado por mês. No dia em que lhe falaram sobre a juíza Thelma Fraga teve uma sensação de desconforto. Afinal, tratava-se da mulher que o sentenciou. Até então,

tinha horror à ela, e também não acreditava em Deus. No encontro, no fórum, não mais algemado e criminoso, mas visto como um homem digno, em meio a biscoitos e cafezinho ele apertou a mão da mulher que hoje afirma ser, juntamente com a força de Deus, quem fez sua vida mudar para melhor. O número 1 do Projeto Grão diz que o que ganha hoje, para sustentar mulher e quatro filhos, não se compara ao que ganhava no crime. "Mas é dinheiro limpo, embora eu trabalhe no lugar mais sujo, que é o Rio de Janeiro", diz ele. O mundo das motos e carros importados, das roupas de grife, ficou para trás. Mas Leonardo Batista explica que o Projeto Grão lhe deu condições de estruturar melhor o seu negócio, e, por isso ele é um dos seus mais empolgados multiplicadores.

“Eles mostram todo dia que eu sempre acreditei é possível. Se conseguir mudar a vida de uma pessoa, já serei vitoriosa”

da violência; houve uma que foi invadida. Firmamos parceria com a Secretaria de Segurança, e o governo decidiu fazer a ocupação da Cidade de Deus.

■ E como essa ocupação se refletiu no seu trabalho?

Com a ocupação policial, pela primeira vez pude entrar na comunidade e perceber que ideias

estruturadas. Agora, estamos nos juntando à Secretaria de Administração Penitenciária.

■ O que diferencia o projeto?

Quem diz como vai ser o norte da ressocialização é o próprio egresso. Ele diz o que gostaria de fazer, e eu vou atrás das parcerias e das ferramentas para transformar esse homem e ajudá-lo a redesenhar sua vida. Dentro da história de vida dele, e das suas habilidades. Cada um acaba tendo o seu próprio programa de reinserção. O crime os capta pelo ganho financeiro. No projeto eles ganham pouco, mas trabalham com o sonho, com o que os realiza.

■ Todos os 31 estão no mercado de trabalho?

Não, parte ainda é detenta, e outros estão na primeira fase, onde damos o apoio para que possam ter condições de ingressar no mercado, com ajuda dos nossos parceiros. A ajuda não é em dinheiro. Pode ser um tratamento odontológico, que melhora em muito a aptidão; cesta básica; passagens. Há dificuldades. Os que trabalham com artes plásticas não têm pincel, tinta. Mas ninguém saiu. Temos 100% de respostas positivas.

■ O projeto também a transformou, como pessoa?

Certamente. Posso dizer que só hoje me considero verdadeiramente juíza. Eles mostram para mim todo dia que tudo no que eu sempre acreditei é possível. Se conseguir fazer com que a vida de uma pessoa mude, já serei vitoriosa.

■ O sistema prisional brasileiro é alvo de muitas críticas...

Dentro dele, o detento sofre uma marginalização secundária, e quando sai as oportunidades são zero. Da forma como funciona, é falido. A gente só está alimentando um barril de pólvora. Se a gente não fizer um trabalho conjunto - órgãos públicos, voluntários, empresariado - não teremos um mundo melhor. O egresso tem que ser reinserido e valorizado pelo que faz bem. Na medida em que tem medo, se afasta, a sociedade faz com o que o egresso do sistema prisional sinta-se um incapaz. E ele não é. Essas pessoas só precisam de oportunidade.